



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSORA ORIENTADORA: ÚRSULA BETINA DIESEL

O PAPEL DA FOTOGRAFIA NA REVISTA REALIDADE

LOIANNE OLIVEIRA DE ALMEIDA SILVA

R.A Nº 2041333/5

Brasília, Maio de 2008

LOIANNE OLIVEIRA DE ALMEIDA SILVA

O PAPEL DA FOTOGRAFIA NA REVISTA REALIDADE

Monografia apresentada como requisito para obtenção de menção parcial para aprovação e obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social pelo Centro Universitário de Brasília - UniCeub.

Professora orientadora: Úrsula Betina Diesel

Brasília, Maio de 2008

LOIANNE OLIVEIRA DE ALMEIDA SILVA

O PAPEL DA FOTOGRAFIA NA REVISTA REALIDADE

Monografia aprovada em ____/____/____ para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Banca Examinadora:

Profª Úrsula Betina Diesel

Uniceub - Centro Universitário de Brasília

Profª Cláudia Busato

Uniceub - Centro Universitário de Brasília

Profº Alexandre Humberto Gonçalves Rocha

Uniceub - Centro Universitário de Brasília

À minha querida mãe,
Marilza Oliveira de Almeida,
Companheira de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Marilza Oliveira de Almeida, pela amiga que é, pela compreensão e por ter proporcionado uma educação exemplar, auxiliando-me em todos os momentos de minha vida.

Ao meu companheiro e amigo Rafael Lacerda, que tem me apoiado e dado força no decorrer desta jornada.

Ao Professor Beto Rocha, que concedeu o tema para estudo, cujas idéias em muito contribuíram para a realização da pesquisa.

À minha orientadora Úrsula Diesel, que além de me guiar com maestria, teve a compreensão necessária para entender minhas dificuldades, disponibilizando com atenção seu tempo, idéias, que foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

Pouco conhecimento faz que as criaturas
se sintam orgulhosas.

Leonardo da Vinci

SUMÁRIO

RESUMO	7
LISTA DE FIGURAS	8
LISTA DE QUADROS	9
1 INTRODUÇÃO	10
2 A FOTOGRAFIA E O FOTOJORNALISMO	11
2.1 Fotójornalismo	12
2.2 Comunicação	13
2.3 Semiótica	14
2.3.1 Ícone	15
2.3.2 Índice	16
2.3.3 Símbolo	17
2.4 Relação entre a Imagem e a Palavra	17
3 CONTEXTO DA REVISTA REALIDADE	19
4 ANÁLISE DAS IMAGENS	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
7 ANEXOS	36
Anexo A - O Último circo	36
Anexo B - A Aventura de Abrir Caminho	36
Anexo C - Arriba Espana! Fuera Franco	37
Anexo D - São os Bonzos de Saigon	37
Anexo E - Eu Estive na Guerra	38
Anexo F - O Rei	38

RESUMO

Este trabalho tem a intenção de mostrar como foi importante um veículo de comunicação como a revista Realidade e como suas fotografias ajudaram a sociedade a entender o que acontecia no mundo naquele instante. Suas imagens eram capazes de transmitir com perfeição o conteúdo descrito, mostrando como suas fotos tinham um caráter documental e informativo. Neste estudo foi elaborado um breve histórico da fotografia e do fotojornalismo, relatando sua importância em transportar a realidade. Por fim, o estudo propôs uma análise mais profunda das imagens da revista, usando a tricotomia Pierciana para explicar o funcionamento do signo quanto à característica do significante, usado na relação com aquilo que representa.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - O Último Circo	25
FIGURA 2 - A Aventura de Abrir Caminho	26
FIGURA 3 - Arriba Espanha! Fuera Franco	27
FIGURA 4 - São os Bonzos de Saigon	29
FIGURA 5 - Eu Estive na Guerra	30
FIGURA 6 - O Rei	31

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - O Último Circo	26
QUADRO 2 - A Aventura de Abrir Caminho	27
QUADRO 3 - Arriba Espanha! Fuera Franco	28
QUADRO 4 - São os Bonzos de Saigon	29
QUADRO 5 - Eu Estive na Guerra	30
QUADRO 6 - O Rei	31

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe um estudo sobre o papel da fotografia na Revista Realidade, como construção da memória individual, cultural e social na década de 60.

Na primeira parte do trabalho é apresentado um breve histórico da fotografia de como ela era utilizado, seu surgimento, bem como o do fotojornalismo, que apareceu justamente da vontade de passar a imagem de certo acontecimento, para as pessoas como algo real.

Nela o dispositivo teórico de análise utilizado para realização da pesquisa é a Semiótica, que teve como principal autor Pierce, abordando a imagem e a linguagem como sistema de signos levando em consideração o contexto de tendências analisado na época. A Semiótica procura compreender todos os fenômenos de produção de significação e de sentido, fazendo uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.

Na segunda são relatados momentos históricos dos anos 60, aliados ao contexto da Revista Realidade. A informação contida teve como principal fonte o trabalho de doutorado de José Salvador Faro.

A terceira parte do trabalho é utilizada a tricotomia pierciana (índice, ícone e símbolo). Foram analisadas imagens de fotografias da Revista Realidade no primeiro semestre de 1968. A escolha por analisar a leitura de imagens surgiu para compreender o processo da revista Realidade em suas fotografias, pois em suas matérias a fotografia era algo muito expressivo, havia transparência na imagem. Além de a linguagem visual mostrar as possibilidades de representação e de significação em uma determinada cultura.

2 A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA E DO FOTOJORNALISMO

Os primeiros indícios do surgimento da fotografia foram segundo SOUSA, em um ambiente positivista do séc. XIX, beneficiado de descobertas e inventos anteriores, como a câmara escura e clara, e ainda da vontade de encontrar um meio que permitisse a reprodução mecânica da realidade visual.

Nos primeiros tempos, a utilização da fotografia prendeu-se principalmente com demonstrações técnicas, mas, pouco a pouco, por influência dos primeiros fotógrafos, em muitos casos também pintores.

Surgindo o movimento pictorialismo, que tinha como a primeira grande tendência a desenhar-se em torno da fotografia, constituindo-se como um movimento que visava à integração da fotografia nas artes plásticas, por meio de procedimentos mais ou menos forçados, inclusive em laboratórios. Para os pictorialistas, se a fotografia queria ser considerada como uma arte deveria fazer pintura. (SOUZA, 2000, p. 24).

Joseph Nicéphore Niépce, em 1826, conseguiu fixar a luz refletida por algum objeto em um suporte, após vários experimentos feitos por seus antecessores, porém a imagem não era duradoura (BUSSELE, 1983). Foi Louis-Jacques Mande Danguerre, continuando os estudos de Niépce, quem descobriu meios químicos capazes de fixar uma imagem em um suporte e que ela durasse, além de diminuir o tempo de exposição necessário para a sensibilização da chapa (eram necessários vários minutos para que a luz fosse captada).

Em 1888, uma criação de George Eastman substituiu as pesadas e incômodas chapas de vidros por um suporte flexível, o filme, que tinha capacidade de tirar 100 fotos por rolo. O filme vinha dentro de uma máquina, a Kodak, e dava ao cliente a oportunidade de tirar a foto e deixar os outros encargos (revelação e ampliação) por conta da empresa. A fotografia estava oficialmente popularizada, pois para tirar foto não era mais necessário ter tantos conhecimentos de química e física, o que restringia a atuação de leigos. “Seu uso dispensa estudos preliminares, laboratórios ou produtos químicos”, escreve Eastman no manual de instruções (BUSSELE, 1993: 36).

A possibilidade da fotografia a cores surgiu em 1907, com os irmãos Lumière, mas somente algumas décadas depois é que começaram a ser comercializadas em grande escala, pois o custo de produção desse tipo de película era muito alto (BUSSELE, 1983).

Durante mais de 150 anos, a tecnologia fotográfica progrediu rapidamente, tendo chegado hoje em dia às imagens digitais.

Foi o barateamento das tecnologias da imagem digital que permitiu a sua popularização. Em 1989, a Cânon, a Nikon e a Sony já possuíam as still vídeo câmeras, que, não obstante, eram analógicas. Nesse ano, surgiram no mercado as primeiras câmeras digitais: a Rollei Digital Scanback, a Fujix Digital Still Câmara e a Kodak Professional DCS. Surge também software adaptado ao armazenamento, manipulação, edição e visualização de imagens. No campo da fotografia digital, mudam os processos de capturar, mostrar e imprimir as fotos. Em setembro de 1990, a Kodak lança o Photo CD e, no ano seguinte, a Philips coloca no mercado um sistema de CD interativo, ao mesmo tempo que a Cânon, a Xérox e a Kodak põem à venda fotocopiadores digitais. Hoje, a tecnologia já permite a ligação direta das máquinas aos computadores e/ ou a interfaces próprios, como modems que permite o envio rápido das fotos (SOUSA, 2000, p.212).

Na fotografia a imobilidade da foto é como o resultado de dois conceitos: o Real, e o Vivo: ao certificar que o objeto foi real, ela induz a acreditar que ele está vivo, por causa da atribuição do valor absoluto do que ocorreu como se fosse eterno. Quando ao depositar esse real para o passado (“isso foi”) ela sugere que ele já está morto (BARTHES, 1984, p. 118).

Conclui-se que a Fotografia é única, pois ela transforma a realidade sem duplicá-la, conseguindo captar um momento que jamais se repetirá.

2.1 Fotojornalismo

De acordo com SOUSA, o fotojornalismo no sentido restrito, se entende como a atividade de informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista (“opinar”) por meio da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Este pode variar de um para outro órgão de comunicação social e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes.

Ainda no entendimento desse autor, as manifestações iniciais do que viria a ser fotojornalismo notam-se com os primeiros entusiastas da fotografia, quando apontaram a câmara para um acontecimento, com o objetivo de fazer chegar essa imagem a um público, com intenção testemunhal. Um exemplo eloqüente é o registro do que ocorreu com as primeiras fotografias de acontecimentos, o daguerreótipo das conseqüências de um incêndio que destruiu o bairro de Hamburgo, em 1842, realizado por Carl Fiedrich Stelzner.

Nos Estados Unidos, a primeira fotografia de acontecimento público foi realizada em 1844. Trata-se de um daguerreótipo¹ da autoria de William e Fredecrik Langenheim, mostrando uma multidão reunida em Filadélfia por ocasião da eclosão de uma série de motins antiimigração. (SOUSA, 2000, p.26)

Apesar da tentativa de destrinçar, mesmo no sentido restrito, o fotojornalismo continua a ser uma atividade larga e ambígua, já que inclui fotografias de notícias, foto reportagens e até fotografias documentais. Apesar de tudo, parece-nos que, mesmo na atualidade, a sua ambição máxima corresponde a mais antiga vocação da fotografia: testemunhar, com um elevado número de cópias, a preço acessível.

2.2 Comunicação

De acordo com (BORDENAVE, 2001), a ciência comunicação iniciou seu estudo, a partir dos anos 70, quando se começou a conceder uma importância concreta ao fato de o homem ser o produto e o criador de sua sociedade e de sua cultura. Nas décadas anteriores, em particular as de 50 e 60, preocuparam-se com o conhecimento e, às vezes, com o melhoramento de tudo que rodeia o homem. Nessa época desenvolveram bastante à parte econômica, combate a poluição ambiental, urbanismo, racionalização do trânsito.

Sócrates, o filósofo grego, foi sempre tachado de ingênuo porque afirmava que o conhecimento da verdade leva à virtude. Basta que uma pessoa

¹ Em 1839, Louis Jacques M. Daguerre apresentou à Academia Francesa de Ciências, as suas descobertas: nasce o daguerreótipo. Ele usou o iodeto de prata para sensibilizar a chapa, o mercúrio para revelar a imagem negativa e o hipossulfito para fixá-la, permitindo obter fotos com 'apenas' meia hora de exposição (PATRÍCIO, 1999, p.10).

conheça o que é verdadeiro, dizia ele, para que ela procure viver de acordo com a verdade (BORDENAVE, 2001. 10). Entretanto, o conhecimento da verdade ainda continua sendo necessário, embora não suficiente. Além de conhece-las outras coisas têm que vir: a valorização a decisão e a ação coletiva. Mas ainda é certo que o homem precisa primeiro conhecer como são as coisas para que se decida a melhora-lás.

Segundo BORDENAVE, a comunicação foi o canal pelo qual os padrões de vida de sua cultura foram-lhe transmitidos, pelo qual aprendeu a ser “membro” de sua sociedade. A comunicação serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente e a realidade que as rodeia, assim, compartilham experiências, idéias e sentimentos. Sem a comunicação cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo.

2.3 Semiótica

A Semiótica estuda os processos de comunicação, não existindo comunicação sem mensagem, sem signos. Ela nos habilita a compreender o potencial comunicativo de todos os tipos de mensagens, nos variados efeitos que estão aptos a produzir no receptor. Esses efeitos vão desde o nível emocional, sensório até os níveis metafóricos e simbólicos (SANTAELLA, 2002, p. 59).

A lógica é a ciência das leis necessárias do pensamento e das condições para se atingir a verdade. Muito cedo, Pierce deu-se conta de que não há pensamento que possa desenvolver apenas símbolos. Nem mesmo o raciocínio puramente matemático pode dispensar outras espécies de signos. Vem dessa descoberta a extensão da concepção peirceana da lógica para uma semiótica geral. Por isso, a lógica, também chamada de semiótica, trata não apenas das leis do pensamento e das condições da verdade, mas, para tratar das leis do pensamento e da sua evolução, deve dar, inclusive, como pode se dar a transmissão de significados de uma mente para outra e de um estado mental para outro (SANTAELLA, 2004. p.3).

Para Peirce, qualquer coisa que esteja presente à mente tem a natureza de um signo. Signo é aquilo que dá corpo ao pensamento, às emoções, reações etc. (SANTAELLA, 2004).

O nome Semiótica vem da raiz grega semeion, que quer dizer signo. Semiótica é a ciência dos signos, ela estuda todas as linguagens. Uma delas é a Lingüística, ciência da linguagem verbal, que não é nada mais que a língua que falamos e da qual fazemos uso para escrever – língua nativa. E a outra é a Semiótica, ciência de toda e qualquer linguagem, com a qual também nos comunicamos, sejam através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes, objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro, tato, etc. (SANTAELLA, 1999).

Neste estudo utilizamos o segundo nível do estudo Pierciano, que é a relação do signo com seu objeto dinâmico. (SANTAELLA, 1999, p. 62). A Secundidade diz respeito à parte sensual, independente do pensamento, o simples fato de existir, significa, a todo o momento, consciência reagindo em relação ao mundo.

De acordo com Santaella, a experiência é o curso da vida. O mundo é aquilo que a experiência nele inculca. E experiência em nós é aquilo que o fluxo de nossa vida nos impeliu a pensar. É por isso que a experiência constitui-se no verdadeiro pivô do pensamento, aquilo que move o pensar, retirando-o do círculo vicioso do amortecimento.

A tríade ícone, índice e símbolo, diz respeito primariamente à distinção entre três espécies de entidades semióticas que um signo pode ter em razão de três espécies de relações em que o signo pode estar para com o objeto, como signo desse objeto. (SANTAELLA, 2004, P.109)

2.3.1 Ícone

Ícones representam formas e sentimentos (visuais, sonoras, táteis...), eles tem um alto poder de sugestão. Citamos como exemplo uma criança contemplando o movimento de um móbile, o artista que vê as cores aparentes da natureza, diante dos olhos, pintura, fotografia, desenho.

O ícone está relacionado à proximidade sensorial ou emotiva. Os ícones são capazes de produzir em nossa mente as mais imponderáveis relações de comparação. Outro exemplo é a contemplação que fazemos das oscilantes formas das nuvens, de repente nos flagramos comparando aquelas formas com imagens de pessoa, animais, monstros, objetos e por ai vai.

Na realidade elas não representam essas imagens que vemos, mas podem sugerir-las. O ícone parece algo (a relação de semelhança com o representa). Um Ícone é um Signo que se refere ao Objeto que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui... (SANTAELLA, 2000: p.110).

O ícone é um signo cuja virtude reside em qualidades que lhe são internas e o funcionamento como signo será sempre posteriori.

2.3.2 Índice

Para SANTAELLA os índices são os tipos de signos que podem ser mais fartamente exemplificados. Diferentemente dos ícones, eles são prioritariamente sin-signos com os quais estamos continuamente nos confrontando nas lidas da vida. Eles são afetados por existentes igualmente singulares, seus objetos para os quais os sin-signos remetem, apontam, enfim, indicam. Exemplo: Onde a fumaça há fogo. Isso quer dizer que através de um indício (causa) tiramos conclusões.

Temos como índices: termômetros, cata-ventos, barômetros, bússolas, a estrela polar, fitas-métricas, fotografias, etc... Todos esses exemplos foram discutidos por Pierce. Segundo Santaella, ele teria se deleitado com o arsenal de exemplos com que a invasão crescente de índices está povoando o mundo. O índice envolve a existência de seu objeto. (SANTAELLA, 2004, p.121)

2.3.3 Símbolo

É, nas palavras de Santaella, um signo cuja virtude está na generalidade da lei, regra, hábito ou convenção de que é portador e a função como signo dependerá precisamente dessa lei ou regra que determinará seu interpretante. Ele estabeleceu uma relação convencionalizada entre o signo e o objeto.

Ele constitui um meio geral para o desenvolvimento de um interpretante. Também constitui um signo, pois será usado e interpretado como tal. Reside sua razão de ser signo, no interpretante. Seu caráter está na sua generalidade e sua função é crescer nos interpretantes que gerará.

O símbolo não é uma coisa singular, mas um tipo geral. O que ele representa não é um individual, mas um geral. Assim são as palavras. Signos de lei e gerais. Como exemplo temos a palavra mulher, aquela mulher, ou a mulher do meu vizinho, mas toda e qualquer mulher. O objeto interpretado pelo símbolo é tão genérico quanto o próprio símbolo.

Assim sendo, o objeto de uma palavra é alguma coisa existente, mas uma idéia abstrata, lei armazenada na programação lingüística de nosso cérebros. Enfim, por força da mediação dessa lei que a palavra mulher pode representar qualquer mulher, independentemente da singularidade de cada mulher particular na visão de Santaella.

Nos estudos de Pierce todas as palavras, sentenças, livros e outros signos convencionais são símbolos. O símbolo é um signo cuja virtude está na generalidade da lei, regra, hábito ou convenção de que ele é portador e a função como signo dependerá precisamente dessa lei ou regra que determinará seu interprete. (SANTAELLA, 2004, p.132)

2.4 Relação entre Imagem e Palavra

No entendimento de (JOLY, 2001), a proliferação da imagem não acarreta o desaparecimento da linguagem verbal. Seria injusto achar que a imagem exclui a mesma. Porque a segunda acompanha sempre a primeira.

Segundo Joly, a imagem é verdadeira ou mentirosa, não devido ao que representa, mas devido ao que nos é dito ou escrito.

“Palavra e imagem são como cadeira e mesa: se você quiser se sentar à mesa, precisa de ambas”.² Essa frase recente de Godard sobre a imagem e as palavras é, a nosso ver, particularmente judiciosa, porque, ao mesmo tempo em que reconhece a especificidade de cada linguagem – a da imagem e das palavras – Godard mostra que se completam, que uma precisa da outra para funcionar, para serem eficazes (JOLY, 2001, p. 115).

Essa forma de complementaridade entre a imagem e as palavras é o que Barthes chamou como a função de revezamento, que consiste em falar o que a imagem dificilmente pode mostrar.

Outra forma de interação entre imagem e texto é a ancoragem, nela o texto vem indicar o “nível correto de leitura” da imagem. Esse tipo de interação pode de fato assumir formas muito variadas que exige uma análise caso a caso, ela é muito vista em publicidade. (JOLY, 2001).

² Jean-Luc Godard em “Ainsi parlait Jean-Luc, Fragmentss du discours d’un amoureux dès mots”, Télérama, n 2278, 8/ 9/ 93.

3 Contexto da Revista Realidade

A década de 60 viveu uma explosão de juventude em todos os aspectos. Sem dúvida foi o momento dos jovens, influenciados pelas idéias de liberdade. Era o grande objetivo deles. Os movimentos que ficaram reclusos nos anos 50, como a geração “beat”, passou a caminhar pelas ruas nos anos 60.

Atento ao novo mercado de consumidor, as empresas criaram produtos específicos para os jovens, que passaram a ter sua própria moda. Surge como a grande vedete, a minisaia, inventada pelas ruas, segundo os grandes estilistas da época. O público jovem feminino andava bem maquiado, um acessório essencial, aliado às perucas. Estas estavam em alta, e a indústria nunca vendeu tanto. O jeans americano, antes da classe operária, passou a fazer parte do vestuário do dia-a-dia das pessoas. A moda masculina foi influenciada pelos Beatles, no início da década. (Almanaque Folha).

Para Cláudia Garcia, o que talvez mais caracterizou a juventude dos anos 60 tenha sido o desejo de se rebelar, a busca por liberdade de expressão e liberdade sexual. Nesse sentido, para as mulheres, o surgimento da pílula anticoncepcional, no início da década, foi responsável por um comportamento sexual feminino mais liberal. Porém, elas também queriam igualdade de direitos, de salários, de decisão. Até o sutiã foi queimado em praça pública, num símbolo de libertação.

Com as transformações sócio-culturais, políticas, econômicas, a revolução sexual e os protestos estudantis quanto aos modos de agir do governo, a população vivia em espírito de luta, terreno fértil para o exercício da crítica. Nessa época, teve início a revolução comportamental com conseqüências duradouras que se vêem até hoje. Muitas dessas bandeiras ganharam o apoio da opinião pública. Surgem os *hippies*, o feminismo, os movimentos civis pela causa dos negros e homossexuais, as guerras.

No Brasil, a Jovem Guarda explodia em sucesso, ditando a moda e deixando os jovens frenéticos.

O desenvolvimento tecnológico foi marcado pelos avanços da medicina, do avião que viaja a velocidade da luz, das viagens espaciais. Todos esses

acontecimentos passaram a transmitir uma imagem de modernidade, influenciando não só a moda como a arte, tendo como destaque a Arte Pop.

A década de 60 encontrou um Brasil sofisticado, mais complexo e exigente. Surgiam novas necessidades, novos desafios, diante do progresso que nascia com mais diversidade e desigualdade.

No campo econômico em nosso país, cita-se como exemplo, o BNDES, que contribuiu decisivamente com investimentos na infra-estrutura. Brasília é inaugurada no Planalto Central, tornando-se o pólo geográfico do país, enquanto São Paulo, o pólo econômico em torno do qual se organizava uma nova indústria (BNDES, setembro, 2002).

Era preciso crescer, desenvolver o país. Foi então, que de acordo com pesquisa do BNDES, nos primeiros anos, a década de 60 herdou a conta de tantos investimentos a pagar. Existia um grande desequilíbrio na balança de pagamentos, crescendo em muito o déficit público.

Mas apesar de todas as dificuldades, a modernização avançou. Era necessário criar novos mecanismos capazes de responder à nova dinâmica do Brasil (BNDES, setembro, 2002).

Jânio Quadros tomou posse como Presidente da República, em 1961, porém não resistiu às políticas radicais e em 1964 aconteceu o golpe militar, segundo pesquisa do BNDES.

A crise econômica cresceu. Os grupos culturais se manifestavam na arte, mas a pressão militar intensificou-se contra a resistência cultural. Em várias partes do país prisões, manifestações e protestos. Contudo o governo militar redefiniu o planejamento estratégico, reduzindo o crédito, controlando os salários e a emissão da moeda. O Estado passou a exercer papel complementar e paralelo ao setor privado. Ele passou a direcionar seus investimentos não só para a infra-estrutura, mas também para os recursos humanos e para determinadas indústrias carentes de capital (BNDES, setembro, 2002).

A censura introduzia a mais completa incerteza no cotidiano de quem fazia teatro, cinema, música e literatura, pela simples razão de ser arbitrária e imprevisível, era vetado tudo o que aos olhos dos militares e seus aliados civis parecia atentar contra os valores da “civilização cristã ocidental” (SCHAWARCZ, 2000, p. 342).

Foi nesse cenário que, em abril de 1966, surgiu a Revista Realidade. Ela veio com o propósito de retratar, a partir de uma linguagem dinâmica, os problemas que o país e o mundo vinham passando, a fim de tentar problematizá-los e analisá-los. Os repórteres que trabalhavam na revista tinham tempo para elaborar, cuidadosamente, o conteúdo das matérias. Viajavam pelo país e pelo mundo, passando dias e meses para apurar o que viraria notícia.

É fácil constatar que suas matérias sempre causaram um grande impacto. Elas registravam como era a vida dos trabalhadores nas salinas, a vida de bailarinas que eram confundidas com prostitutas, o homem que pisou na lua. Mostravam conquistas, decepções e como o país mudava.

Embora o Brasil estivesse passando por um momento de censura, repressões políticas, a revista sempre apresentava temas polêmicos pelo qual a sociedade passava. Os jornalistas vivenciavam a realidade nas cidades brasileiras narrando comportamentos que iam desde as conquistas sexuais até a fome, o preconceito social e investigavam a fundo as questões, denunciando os acontecimentos para a população.

A revista Realidade foi fundamental para a história jornalística do Brasil, pois ela praticou um tipo de jornalismo que não só mostrava os fatos, mas os descrevia minuciosamente. Além disso, esse novo padrão de desempenho exigido dos jornalistas, bem como a lealdade deles esperada pelas empresas que lhe provinham o canha-pão, não raro colidia com seus projetos e práticas de resistência à ordem autoritária. Em nenhum outro período a mídia nacional modernizou-se tanto e tão rapidamente (SCHAWARCZ, 2000).

Para Faro, por mais que o surgimento da Realidade se dê pelas causas encontradas no desenvolvimento da própria imprensa brasileira e na evolução do nível de realismo crítico provocado pela conjuntura político-cultural que absorve a intelectualidade em meados dos anos 60, o conceito proposto pelo *new journalism* é fundamental para que se compreenda toda a abrangência de sua proposta editorial.

A revista Realidade tinha várias características, entre elas - e de importância fundamental para que concretizasse como projeto avançado da imprensa brasileira - a de funcionar com uma redação que gozava de grande autonomia na orientação de cada número que ia às bancas, embora pertencesse a grupo editorial cujas relações com o poder do Estado autoritário e com o capital

estrangeiro vinham sendo denunciadas à época do lançamento da revista (FARO, 1996, p. 38).

Para se entender um pouco mais a revista, segue abaixo uma entrevista realizada com José Hamilton Ribeiro, repórter da revista.

"Eu era chefe de Redação da revista *Quatro Rodas* e, na época, a revista era Jornalisticamente, importante. Ela ganhava prêmios e tinha iniciado (com Mino Carta) a grande reforma na linguagem jornalística brasileira, que seguiu, depois, no *Jornal da Tarde* e encontraria mais tarde, na própria *Realidade*, o seu apogeu.

"Era bom ser chefe de Redação de *Quatro Rodas*, mas eu estava recebendo uma dessas propostas que não se recusam: ser repórter da *Realidade*, a revista da Abril cujo primeiro número estava prestes a sair. Muita gente não acreditava num revista mensal 'IG' (de interesse geral), mas Sérgio de Souza (...) dizia:

- Você tem que estar nessa simplesmente porque você não pode estar fora. Sérgio de Souza era o 'editor de texto' da nova revista e, até então, nenhuma outra publicação brasileira tinha tido 'editor de texto'. Diretor de Redação era o próprio Robert Civita e redator-chefe o Paulo Patarra.

(...)

"Era abril de 1966, e o convite para *Realidade* já vinha até com pauta pronta:

- Você vai ser preto por um mês.

A proposta dessa reportagem - eu me submeteria a um tratamento médico que

me deixaria preto e, como preto, viveria normalmente durante um mês - uma proposta entusiasmante e irrecusável, **ia ser uma das características da nova revista: matérias nascidas em grande criatividade e para serem 'vivas'**

profunda e corajosamente. E depois transcritas com toda 'verdade' possível. Daí o nome: *Realidade*. (grifo do autor)

(...)

"Arranjei primeiro um dermatologista da USP, em São Paulo, que ia - através de remédios, de banhos de infra-vermelho e outros recursos - fazer minha pele escurecer. Não deu certo. Tentei um professor da Medicina de Ribeirão Preto, também não deu certo. Como eu não conseguia ficar preto por dentro, resolvemos tentar por fora: o maior maquiador brasileiro me fez um imenso crioulo por uma noite, e foi até divertido; mas não deu matéria. *Realidade* exigia muito mais.

"Minha primeira reportagem na revista 'furou', mas o 'amor' repórter-revista já estava selado. Eu iria viver, em *Realidade*, os meus mais emocionantes, mais premiados e mais dramáticos dias de jornalista brasileiro.

"*Realidade* encantou o Brasil desde o primeiro número. Seu resultado surpreendeu até a própria Editora Abril, que estava acostumada a um período de amaciamento e maturação' para que uma publicação nova começasse a render dinheiro. Com muitas revistas, a Editora agüentava longos períodos "em vermelho" (no caso de *Veja*, que veio depois, suportou dois anos seguidos de vultosos prejuízos até que o semanário se tornasse 'um transatlântico', como Mino Carta definia); com *Realidade*, a massa de anúncios e a procura das revistas nas bancas surgiram quase como um incêndio. O vento soprava a favor e *Realidade* crescia a cada número.

"O segredo de tudo estava, primeiro, em que **a revista encontrara um 'filão novo' de assuntos na então assustada e acomodada imprensa brasileira (o espantalho de 64 só tinha dois anos)**. E segundo que tinha reunido uma equipe muito criativa, muito trabalhadora e, acima de tudo, muito unida. (grifo do autor)

"O ambiente de *Realidade* não é de companheirismo; é de cumplicidade, dizia, uma semana depois de ter começado a trabalhar lá, um psiquiatra que logo se tornaria repórter famoso (e hoje é outra vez psiquiatra): Roberto Freire.

"As reuniões de pauta da revista (quando a redação se reunia para escolher os assuntos e os respectivos repórteres para o número seguinte) eram um misto de reunião de trabalho, de psicoterapia e de curtição. Varavam as noites, com muito uísque e, enquanto descobriam ótimos temas jornalísticos, um brigava com o outro para tirar uma dúvida antiga e tudo acabava depois em fantásticas declarações de amor. (FARO, 1996, p. 82)

A revista *Realidade* permaneceu em circulação durante dez anos, entre 1966 a 1976, como ela era uma publicação mensal seus repórteres tinham tempo para se aprofundar e elaborar as matérias.

A *Realidade* foi marcada pelas suas pautas conhecidas como indigestas pela pudicícia oficial. Depois do AI-5³, a revista foi se descaracterizando até morrer em surdina. (SCHAWARCZ, 2000).

³ Ato Institucional nº 5 promulgado para consolidar o regime militar, dando-lhe poderes absoluto (SCHAWARCZ, 2000, p.321)

4 ANÁLISE DAS IMAGENS

O *corpus* selecionado para análise foi composto de imagens do primeiro semestre de 1968 da revista Realidade. A seleção dessas imagens foi feita pelo critério da foto mais marcante. Esse critério partiu do princípio de que a foto comprovaria claramente o que o texto dizia. Foi escolhida uma matéria de cada mês, onde as fotos tinham um grande impacto sobre o texto, a partir daí selecionou-se uma fotografia de cada reportagem para ser feita a análise.

Ao analisar as imagens compreendem-se como elas tiveram importância no contexto daquele período, funcionando como formação da memória social. Os temas abordados na revista reforçavam essa característica, eram sempre assunto de interesse social e problemas que o país e o mundo vinham enfrentando.

Com a análise constatou-se ainda o quanto a fotografia da Revista Realidade tinha um caráter icônico. A percepção daquele que vê a imagem pela primeira vez age a partir dos signos icônicos na imagem, causando no observador um sentimento semelhante ao objeto que muitas vezes parece ser o próprio. O objeto do ícone é sempre uma possibilidade do efeito de impressão que ele está apto a produzir ao excitar nosso sentido.

A partir desse prisma, foi tomada a decisão de que não seria usada a tríade completa, usando para análise somente o ícone e o índice. Já que a relação entre o símbolo e seu objeto se dá através de uma mediação, normalmente uma associação de idéias que opera de modo a fazer com que o símbolo seja interpretado se referindo àquele objeto (SANTAELLA, 1998).

Pierce define o signo fotográfico com respeito à sua relação com o objeto (a secundidade do signo), por um lado, como um ícone; pó outro, como índice. É assim que fotos são, “de certo modo, exatamente como os objetivos que elas representam e, portanto, icônica (SANTAELLA, 1998, p. 110).

0

Figura 1 - O último circo



Revista Realidade: Janeiro 1968

A reportagem “O último Circo” mostrava como era a vida no circo naquela época e como ele estava em decadência. Com as mudanças culturais e sociais a preferência das pessoas começara a mudar o malabarismo, os leões haviam sido trocados por espetáculos teatrais, cinema, e o circo passaram a ser espetáculo de periferia.

Segundo a matéria, com a escassez do público tudo ficou ruim, os artistas trabalhavam como indigentes sem muitos recursos para os espetáculos e sem ter como viver decentemente.

A foto selecionada ocupava duas folhas e não era a matéria de capa. Ela continha nove fotos e era intercalada por anunciantes e textos. A imagem escolhida mostra bem esse sentimento vivido pelo circo naquele momento. O local em que foi tirada e a expressão do personagem mostram claramente esse sentimento de desilusão, tristeza. Se o palhaço estava encostado no tapume, logo não estava no palco.

“O circo triste, que anunciava matinê às 16 horas...” essa parte do texto reflete o contexto em que a foto está inserida.

A década de 60 vinha enfrentando mudanças radicais, havia uma sucessão de conflitos morais, impulsos, sentimentos e pensamentos contraditórios. De um lado, a proliferação de novas profissões e atividades bem remuneradas para quem tivesse o mínimo de formação. Por outro lado, o capitalismo anunciava o valor do progresso, com a imitação dos padrões de consumo e dos estilos de vida reinantes nos países desenvolvidos.

A modernização da sociedade neste período fez com que surgisse uma corrida de miseráveis, pobres, remediados e ricos pela busca da ascensão social. Levando cada vez mais os miseráveis e pobres à periferia.

Quadro 1 – O último circo	
Ícone	Ao ver a imagem do palhaço à primeira coisa que vem em mente é a tristeza, apesar de estar caracterizado como palhaço seu olhar é triste, distante, melancólico. O tapume atrás se encontra enferrujado com cartazes dilacerados e desbotados.
Índice	Um palhaço com olhar distante, preocupado, encostado em um tapume velho. Se ele está encostado num tapume, não está no espetáculo (não há espetáculo).

Figura 2 - A aventura de abrir caminho



Revista Realidade: Fevereiro 1968

A reportagem “A aventura de abrir caminho” retrata a dificuldade encontrada nas estradas brasileiras, em especial, a BR-101, parte nordeste do Brasil que liga Natal a Alagoas. A fotografia selecionada mostra bem esta dificuldade e realidade enfrentada. A foto comprova claramente o sofrimento dos caminhões nas estradas de terra.

A imagem selecionada era a segunda foto da matéria e de tamanho pequeno. Nesta reportagem a imagem prevalece sobre a palavra. Quando se vê a imagem percebe-se com clareza o que está acontecendo.

A foto mostra nitidamente o que diz texto: “Na luta contra a ladeira Moacir foi derrotado... O motor gemendo, a lama espirrando...”

Com a industrialização acelerada e a urbanização rápida, foram criadas novas oportunidades de investimento e trabalho. Nessa ocasião os transportes rodoviários, ferroviários e marítimos estavam em crise. Buscava-se a integração urgente desses transportes, pois os mesmos não eram capazes de apoiar o desenvolvimento do país. O governo não investia o suficiente nos transportes.

Quadro 2 – A aventura de abrir caminho	
Ícone	O caminhão atolado representa a péssima qualidade da estrada. A indignação do motorista perante a situação do caminhão atolado.
Índice	Caminhão atolado no meio de um lamaçal. Sarrafos indicam que já se fez de tudo, ou seja, o atoleiro é brabo.

Figura 3 - Arriba Espanã! Fuera Franco!



Revista Realidade: Março 1968

A reportagem “Arriba Espanã! Fuera Franco” conta como era o governo do ditador Franco José Carlos Marão, na Espanha, e sua anti-popularidade perante

os conservadores, os comunistas e a igreja. No seu governo qualquer tipo de manifestações sindicais, estudantis, jornalísticas era tratado com represárias, à população não tinha direito de se manifestar e muitas vezes nem sabia tudo que estava passando em sua volta pela manipulação da informação no governo. O índice de desemprego era altíssimo, um trabalhador do campo não conseguia trabalhar mais que 90 dias por ano.

A foto selecionada mostra o olhar desse povo, os personagens da fotografia parecem perdidos num deserto, perto de um cata-vento, sem muita perspectiva e conformados com a situação. Mas por outro lado, a imagem lembra a história de Dom Quixote, um cavaleiro andante que vivia num mundo de sonhos com seu fiel escudeiro, a procura de aventuras pela Espanha. Esta imagem se diferencia das outras, em razão de seu caráter simbólico permitir várias interpretações a partir do objeto “cata-vento”.

Franco não tinha um governo conveniente para as classes econômicas altas, ligadas à indústria e ao comércio, principalmente em relação aos métodos econômicos europeus.

Quadro 3 – Arriba Españã! Fuera Franco!	
Ícone	A imagem representa um deserto onde só contêm dois cata-ventos e três homens a procura de algo. Percebe-se também há pôr do Sol, com um cata-vento sem movimento e alguns vultos.
Índice	Três homens próximos ao cata-vento, um em pé carregando seus pertences em cima do jegue, outro montado no jegue e um homem em pé descendo. Isso tudo no final de uma tarde e a posição do sol causando uma sensação de paradez.
Símbolo	Homens vagando no deserto, lembrando Dom Quixote e seus fiéis escudeiros.

Figura 4 - São os Bonzos de Saigon



Revista Realidade: Abril 1968

A reportagem “São os Bonzos de Saigon” conta a história de mulheres Budistas “Bonzos”, que, para lutar pela pátria e em manifestações da ocupação dos Estados Unidos e Franceses no Vietnam, país onde moravam, queimavam-se vivas como forma de protesto.

Os monges budistas tornaram-se um dos principais focos de resistência ao catolicismo. Eles manifestavam-se contra o decreto governamental que proibia o hasteamento de bandeiras budistas em prédios particulares. Essa ação provocou a morte de oito pessoas em Hué. Os monges para atrair a atenção do mundo transformaram-se em tochas humanas em suicídios públicos nas ruas. Ocorreram centenas de prisões, e mais de cinquenta monges foram mortos.

A imagem selecionada é a primeira foto da matéria e ocupa duas páginas. A foto representa bem o conteúdo do texto e é possível provar com trechos: “No chão do terraço do pagode Tu Nghien (rito espiritual), em frente ao altar do Buda, há uma mancha negra de queimado...” Na foto aparece uma sacerdotisa olhando para a fogueira, ladeada de Bonzos olhando o ritual.

Quadro 4 – São os Bonzos de Saigon	
Ícone	A imagem mostra uma sacerdotisa observando as cinzas serem queimadas no chão de uma praça, ladeado por várias pessoas observando, dentre elas crianças que aplaudiam o ato.
Índice	Uma sacerdotisa observando restos de cinzas no chão em um ritual importante. Alguém ateou fogo em si próprio.

Figura 5 - Eu estive na guerra



Revista Realidade: Maio 1968

A reportagem “Eu estive na guerra” relata a experiência do repórter Hamilton Ribeiro, que estava cobrindo a guerra do Vietnã e foi violentamente atingido por uma explosão, ficando catorze dias, hospitalizado. Ele conta o sofrimento que passou nesses dias e a angústia de ver pessoas perder pernas, braços, olhos e seu próprio problema.

O Vietnã transformou-se no maior campo de batalha dos anos 60. A guerra pôs fim à carreira de diplomatas e generais americanos como Maxwell Taylor, William Westmoreland, e o fim da invencibilidade americana (Almanaque Veja).

A reportagem foi matéria de capa e a foto ocupava duas páginas, na imagem selecionada há uma percepção clara do fato em questão. “Shimamoto chegou-se a mim, puxou violentamente a minha cabeça para seu peito – numa posição que eu não poderia ver a perna esquerda.”

Quadro 5 – Eu estive na guerra	
Ícone	Soldado atingido mortalmente por arma de fogo, sendo amparado por um colega no meio da selva ainda de dia e nos últimos minutos de vida, desacordado.
Índice	Um homem caído na selva, sujo de sangue e lama.

Figura 6 - O rei



Revista Realidade: Junho 1968

A reportagem “O rei” conta como é a vida dos leões, seus hábitos familiares, como faziam para se alimentar, para descansar, como ele é preguiçoso, porém amoroso. Enfim descreve com detalhes minuciosos a vida de um leão. A foto em questão mostra um lado que não é muito conhecido nos leões. “Não existe animal mais apaixonado que o leão. Ele se dedica ao amor várias vezes por dia...”

A imagem observada, diferentemente das demais apresentadas na análise, pode ser vista em qualquer tempo. Ao olhar a figura do leão e a leoa não dá para distinguir qual foi o a época do ocorrido, podendo ser atual ou do século passado.

A foto selecionada ocupava uma página inteira e era a segunda imagem, escalada por textos e anunciantes.

Quadro 6 – O Rei	
Ícone	Um leão dedicado, amoroso com sua amada, numa tarde de sol, sobre a vegetação da selva, enquanto ela olha maroto para bem captura a imagem.
Índice	O olhar apaixonado do leão para a leoa. O interesse do macho pela fêmea.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia, por sua essência, é icônica, a qualidade de sua aparência é semelhante à qualidade da aparência do objeto que a imagem representa. Por meio da imagem é possível deduzir o que está se passando, diferentemente da linguagem escrita, ou seja, qualquer pessoa é capaz de identificar o fato.

A fotografia tem um alto poder constatativo, não somente sobre o seu objeto, mas sobre o tempo em que está inserida, ela fala com convicção aquilo que foi, construindo na memória, modelos, sensações, formas e conteúdo.

A Revista Realidade cumpriu bem o papel de mostrar os fatos, com veracidade. Embora o Brasil estivesse passando por um momento de censura, repressões políticas, a revista sempre apresentava temas polêmicos pela qual a sociedade passava. Os jornalistas vivenciaram, relataram e retrataram a realidade nas cidades em que percorriam narrando à cultura, as crises enfrentadas pela sociedade. Além de aproximar o público dando uma visão alusiva de testemunho.

Ela teve papel fundamental para a história jornalística do Brasil, pois praticou um tipo de jornalismo que mostrava os fatos como eram e suas fotos descreviam tudo. Mostrou durante dez anos seu papel fotojornalístico, com a perspectiva da realidade que o povo não poderia ver, a não ser por aquele meio, a fotografia, que aproximava o público dando uma ilusão testemunhal, ou seja, as pessoas eram testemunhas das reportagens.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALMANAQUE VEJA. **Os anos 60: a década que mudou tudo**. São Paulo: Abril, 144p.
- 2 BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL. **BNDES 50 anos: anos 60**. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/livro50anos/Livro_Anos_60.pdf>. Acesso em: abr, 2008.
- 3 BARBOSA, Camila. **Fotografia e memória: uma análise semiótica de imagens do século XX**. Brasília, 2007. (Trabalho de conclusão de curso). UniCeub.
- 4 BARTHES, Roland. **A câmara clara: Nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- 5 BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre fotografia**. 6.ed. São Paulo,. Livraria Pioneira, 1993.
- 6 DIAZ BORDENAVE, Juan E. **O que é a comunicação**. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. 67 p.
- 7 FARO, J.S. **Realidade**, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira. São Paulo, 1996. tese doutorado . Disponível em: < <http://www.jsfaro.pro.br/downloads/revistarealidade.pdf>>. Acesso: ago, 2007.
- 8 GARCIA, Cláudia. **A época que mudou o mundo**. Almanaque Folha. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/anos60.htm>>. Acesso em: mar, 2008.
- 9 JOLY, Martine. **Introdução à análise da Imagem**. 4.ed. São Paulo: Papirus, 1996.

- 10 LYRIO, Isabela. **Espetacularização e criação de realidades no retrato fotográfico**. Brasília, 2006. (Trabalho de conclusão de curso). UniCeub.
- 11 FRANÇA, Júnia Lessa. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 4.ed. Belo Horizonte, BH: 2000, 213p.
- 12 SCHAWARCZ , Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil: contraste da intimidade contemporânea**. v. 4, 2000.
- 13 PATRÍCIO, Djalma. **Curso básico de fotografia**. Blumenau: Ed. da FURB, 1999.
- 14 REVISTA REALIDADE. Rio de Janeiro: Editora Abril, 1968-. Mensal.
- 15 SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó. Contemporâneas, 2000. 256p.
- 16 SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- 17 _____. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 103p.
- 18 _____. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- 19 _____. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2004.
- 20 _____. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Pioneira, 2004.
- 21 SANTAELLA, Lucia, NÖTH, Wifried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1998, 224p.
- 22 SANTOS, Gildenir Carolino. **Manual de organização de referências e citações bibliográficas para documentos impressos e eletrônicos**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2000.

7 ANEXOS

ANEXO A – O ÚLTIMO CIRCO



ANEXO B – A AVENTURA DE ABRIR CAMINHO



ANEXO C – ARRIBA ESPANA! FUERA FRANCO



Revista Realidade: Marco 1968

ANEXO D - SÃO OS BONZOS DE SAIGON



Revista Realidade: Abril 1968

ANEXO E – EU ESTIVE NA GUERRA



ANEXO F – O REI

